

[(1886), *Jornal do Commercio*, ano XXXIV, nº 9921, 24 de Dezembro (Lisboa)]

XVIII - ETNOGRAFIA. A MISSÃO CIENTÍFICA DE M. MAUREL NO CAMBOJA

O Camboja é um dos países mais interessantes do Oriente.

Outrora um poderoso império, é hoje um território cujo rei actual, Norodom, cercado pelos siameses e anamitas, se viu obrigado a pedir, em 1863, o protectorado da França.

O antigo império compreendia, além do seu território actual, não só as províncias de Tay Ninh e de Chandoc, as de Battambang e de Angkor, mas ainda todo o baixo Laos e uma parte de Sião. Era este o seu território propriamente dito; mas a sua soberania estendia-se sobre o resto do Sião e sobre o Alto Laos, de modo que se pode dizer que ele tinha sob a sua dependência mais de metade da Península da Indochina.

O esplendor deste império é atestado largamente pelo número e grandiosas dimensões dos seus monumentos e pela beleza da sua arquitectura.

Estes monumentos contudo lançam por enquanto muito pouca luz na história da civilização dos cambojanos. O povo khmer, diz M. Maurel, é ainda um enigma: pouco se sabe das suas origens, e mesmo da época do seu maior esplendor.

Aonde se originou este povo cambojano ou khmer? Que caminho seguiu ele nas suas emigrações? A que raça pertenciam os primeiros fundadores do seu império? Em que época se separou ele da raça-mãe? Segundo M. Maurel, a nenhum destes pontos se pode responder senão com probabilidades. A sua opinião é que esse povo teve origem na bacia do Ganges; que veio descendo o vale do Mecom, que foi dirigido por Aryas mas composto sobretudo de povos da Índia e que enfim no sétimo século, ele era já bastante forte para lutar contra a China.

O Camboja oferece, pois, um duplo interesse: há aí o exemplo de uma civilização perdida e a origem dessa civilização, que por certo lançaria bastante luz sobre a história de outras civilizações orientais, permanece ainda em enigma.

Pode muito bem ser que os seus monumentos não tenham sido estudados convenientemente, porque a ciência moderna tem sempre podido tirar grande partido do estudo dos monumentos, logo que o empreende usando dos numerosos e seguros processos de investigação de que dispõe, e aplicando-lhe todo o rigor do seu critério. Os monumentos arquitectónicos, as armas, os utensílios, têm mesmo adquirido cada vez mais, um valor excepcional, desde que um pedaço de sílex permitiu traçar a história do passado da humanidade. Os historiadores de hoje preferem-nos mesmo aos melhores livros de história, e, em muitos casos, na verdade, aprende-se neles mais e melhor do que nas narrações contidas nesses livros.

«Entre os elementos a que temos recorrido de melhor vontade, escreve o Dr. Gustavo Le Bon no seu estudo da civilização dos árabes, estão, acima de todos, as obras plásticas. Na sua forma tangível, essas obras falavam claramente ao espírito. Encontre-se sempre nelas a expressão fiel das necessidades, dos sentimentos, do tempo em que tiveram origem. A influência da raça e do meio é aí manifesta. Nas obras duma época, quaisquer que elas sejam, pode-se ler muitas vezes essa época inteira. Uma caverna da Idade da Pedra, um templo egípcio, uma mesquita, uma catedral, uma *gare* de caminho-de-ferro, o *boudoir* duma mulher da moda, um machado de sílex, uma espada de duas mãos ou um canhão de cinquenta toneladas, dizem muito mais do que montes de dissertações.».

É pois de esperar que a ciência venha a tirar dos monumentos do Camboja, visto o seu número e variedade, todo o partido para uma resolução segura dos interessantes problemas indicados.

Esse estudo porém não poderá ser feito isoladamente. Tudo, no desenvolvimento das sociedades, como no dos organismos biológicos, está intimamente ligado e é correlativo. Para a reconstituição perfeita do passado da humanidade, os estudos pré-históricos nem sempre seriam suficientes, se o das tribos selvagens que representam determinada fase lhes não fossem em auxílio. Se o passado é indispensável para explicar o presente, que todo dele deriva, o presente é também muitas vezes não menos indispensável para revelar o passado. Há sempre e até nos povos mais civilizados, fortes vestígios do seu passado incomensurável e que pesa muito mais do que o período, relativamente sempre curto, que marca uma civilização.

Assim, é somente depois de fazermos concorrer ao estudo da antropologia, da etnografia, das línguas, instituições e crenças do Camboja actual, que se poderá dizer, ou não, que os monumentos do antigo Camboja, apesar do seu número e grandiosidade, lançam pouca luz na história da sua civilização.

Contribuir para isso foi o fim da missão científica proposta e levada a efeito por M. Maurel, e imediatamente acolhida pelo governo francês, para o qual, depois do novo protectorado do Tonquim, tem cada vez mais interesse tudo quanto diz respeito à Península indochinesa.

M. Maurel estudou a história e a geografia do Camboja, a antropologia e etnologia do seu povo, das quais fez largas comunicações às respectivas sociedades científicas de Paris.

Vamos expor a parte etnográfica, ou dos usos e costumes que foi objecto de uma bela conferência na «Société de Géographie».

Antes, porém, de entrarmos propriamente nessa exposição, é indispensável resumir as condições geográficas do meio, as relações do homem do Camboja com o solo.

O Camboja, tal como ficou reduzido pelas sucessivas invasões dos siameses e anamitas, é limitado ao norte pelo Sião e Baixo Laos, ao sul pela Cochinchina, a leste pelas montanhas que o separam do Aname e dão asilo aos restos da população autóctone, e a oeste pelo golfe de Sião.

A sua superfície é de 100.000 quilómetros quadrados e a sua população de 1.200.000, dos quais apenas 700.000 são khmers e os outros anamitas, chineses, thianos, malaios, e selvagens, e um resto ainda de população flutuante composta de siameses, tagalos, malabares e europeus.

O rio principal é o Mecom, curso de água imenso, que nasce no platô do Tibete, atravessa em apertado vale, o Ianão e o Laos, e, penetra no Camboja, cobrindo-o com as suas águas durante quatro meses de cada ano. No centro mesmo do país, este grande rio divide-se em três braços, e o que se dirige para o lago Tonlé-Sap apresenta o fenómeno particular, crê-se que único, de ter uma cor numa parte do ano e, na outra parte, uma outra cor muito diferente.

O lago Tonlé-Sap, apesar de ter uma grande capacidade, não pode durante o derretimento das neves, regular a corrente impetuosa do rio, que transporta e cobre, com os seus afluentes, ao menos, um terço do país, transformando-o em mar navegável, mesmo para navios de certo bordo.

Esta inundação regular é das mais importantes condições do meio pois imprimiu um carácter inteiramente particular aos usos e costumes dos cambojanos.

O lago tem também um papel muito importante na vida deste povo. É um verdadeiro mar interior, tendo cerca de 25 quilómetros de largo por 125 de comprimento. As pescas que nele se fazem constituem uma das mais seguras riquezas do país.

Todo o sul do Camboja é constituído por terras baixas semelhantes às da Cochinchina; mas na fronteira do norte há cadeias de montanhas que alcançam 1.000 e 1.200 metros.

A habitação do cambojano é, na etnografia deste povo umas das coisas mais interessantes a estudar. Por um lado, ela forma um absoluto contraste com as ruínas grandiosas desses templos e palácios que, na vida actual do Camboja, nada têm em volta de si que os faça lembrar; por outro lado, é nessa habitação que mais se vê o carácter particular que a inundação imprimiu a todos os usos dos cambojanos, e a que acima nos referimos.

A casa do cambojano é uma construção perfeitamente lacustre, e muitas vezes a uma altura de 7 a 8 metros acima do solo. Os suportes de um dos lados mergulham sempre no rio e a porta abre-se do lado oposto. O khmer podia construir a sua habitação, mais longe e menos sujeita a não o deixar, no tempo das grandes cheias, mais do que alguns decímetros acima da água; mas esta distância satisfá-lo perfeitamente, e, como logo veremos, ele resolve perfeitamente o caso de uma cheia inesperada; além disso a construção, assim ordinariamente meia metida no rio, dá uma grande facilidade aos seus arranjos domésticos e uma defesa mais fácil contra os ladrões.

O rio, com efeito, fornece-lhe logo ali por baixo da cozinha a água para a alimentação e lavagens, e o peixe fresco que constitui o seu alimento principal, não deixando de acumular as fundações de um imenso esgoto sempre pronto para receber as imundices e os *hjokkenmæddings* destes povos históricos.

Para a casa do khmer, feita de bambu (só os ricos edificam com madeira), sobe-se por uma escada também de bambu. Esta escada retira-se à noite, e isto constitui o único modo de fechar a casa, porque a fechadura é coisa desconhecida para o cambojano. As portas e janelas mantêm-se cerradas por dentro com um bambu que se lhes encosta, e por fora com outro que lhes está amarrado e que se atravessa. Digamos de passagem que este sistema é ainda corrente entre camponeses europeus nas construções rurais de menor importância.

Por debaixo da habitação do cambojano flutua a piroga de um lado e do outro vivem as aves domésticas, os cães, e sobretudo porcos com o dorso côncavo e a barriga arrastando pelo chão, entes muitas vezes recebidos no primeiro andar. M. Maurel viu muitas vezes o cambojano, deitado ao lado do porco, saboreando ambos, nessa doce intimidade, as doçuras da sesta. Por baixo da casa são ainda arrumados os instrumentos agrícolas e aparelhos de pesca.

É muito interessante o soalho da casa do cambojano. É uma simples trama de bambus, balouçando e rangendo a cada passo, e onde os sapatos e o passo firme dos europeus tornam a coisa difícil. Não assim para o cambojano que, além de andar descalço, caminha sempre, sobretudo por dentro da casa, com passo miúdo e discreto; com os membros inferiores um pouco na flexão, o corpo lançado para diante e os braços conchegados ao peito, ele pousa delicadamente os pés neste soalho rendilhado, andando sem fazer bulha, enquanto que um europeu parece sempre que o vai deitar abaixo. Graças a este soalho roto por toda a parte, a casa do cambojano, anda sempre limpa; para fazer toda a limpeza basta lançar-lhe por cima uma porção de água que escorre imediatamente para dentro do rio. Com essa simplicidade, a inundação não é

também muito para temer: se a água sobe acima do soalho, o cambojano constrói logo outro mais acima, para o que lhe basta alguns bambus e algumas horas de trabalho.

Como se vê, a casa não tem senão um andar, e o tecto é coberto de folhas de palmeira, colocadas à maneira de telhas umas sobre as outras, ou então de colmo fornecido por uma certa gramínea.

A casa divide-se em três partes: o vestíbulo que forma uma sorte de terraço e ao qual está encostada a escada; uma parte central que serve de sala e de casa de jantar, onde o cambojano vos recebe, come e dorme; a terceira parte é reservada para a família e constitui propriamente o gineceu, o lugar da vida íntima, onde vivem a mulher e os filhos. O europeu nunca penetra nesta parte reservada e o próprio cambojano não é aí recebido senão por excepção.

Ao lado desta casa de habitação, cujo tipo é o mais geral, mas não o único, está uma espécie de celeiro para guardar a provisão de arroz.

M. Maurel diz que nada há mais primitivo do que a mobília do cambojano: uma mesa alguns tamboretas e vasos, um leito composto de tábuas colocadas ao lado umas das outras, isto apenas completado com armas e instrumentos de música pendurados pelas paredes. Contudo achamos na mobília do cambojano uma peça que a ser encontrada na dos nossos camponeses, na verdade por vezes bem pouco superior, constituiria um enorme progresso – a mobília do cambojano contém escarradores de barro ou de cobre, e isto é tanto mais curioso quanto é certo que, em virtude da construção especial dos seus sobrados, ele pode sempre cuspir para dentro do rio sem sujar a casa. Veremos se M. Maurel nos dá a explicação deste curioso facto.

A simplicidade do mobiliário do cambojano explica-se perfeitamente pela simplicidade do seu vestuário e do seu viver: as suas vestes são muito simples e por isso de nada lhe serviriam móveis de gavetas, senão à satisfação do luxo, cuja ideia ele realiza de preferência na ornamentação dos elefantes e das pirogas.

Descrevemos o leito como uma coisa muito simples; mas sobre essas quatro tábuas mal cortadas, é que, segundo M. Maurel, se exerce mais o espírito inventivo do cambojano. O cambojano conserva a especialidade de confeccionar dois objectos que merecem grande atenção: a manta e o colchão.

A manta cambojana compõe-se de uma manta ordinária, por baixo da qual pequenas bolas de algodão são fixadas por meio de um tear especial. Isto constitui uma indústria própria do povo khmer e que seria necessário descobrir nos países do norte da Índia que se supõe serem o berço destes povos.

É também a necessidade de se deslocar amiudadas vezes que determinou a invenção do colchão cambojano. A manta oferece um modo suficiente de nos deitarmos e leva-se facilmente de um lado para outro; mas a sua pouca espessura não a torna inteiramente confortável. A invenção do colchão veio preencher esta lacuna. O que caracteriza o colchão cambojano é poder-se dobrar como as estampas ou os mapas de um livro; uma vez dobrado exactamente sobre as suas cinco partes, jeito que adquire prontamente, o colchão do khmer ocupa pouco espaço, e desdobrado, é tão confortável como os nossos. É verdadeiramente o que o cambojano podia achar de melhor.

Estes dois artefactos não se encontram, porém, senão em casa dos ricos; os outros contentam-se com a receita ordinária e uma grande parte dorme mesmo sobre as tábuas e até sobre o soalho.

Depois de nos falar da manta e do colchão, M. Maurel, fala-nos dos curiosos escarradores. O cambojano leva constantemente a mascar o bétel e a escarrar por consequência uma saliva cor de sangue que ele busca esconder imediatamente aos

olhos do visitante e para o que os escarradores tem também uma forma especialmente adequada. O pobre tem um escarrador de barro ou de cobre, o rico não despreza a porcelana, e Norodom tem sempre sobre a mesa um de ouro maciço e cinzelado com gosto.

A conservação da casa deixa sempre muito a desejar. Um dos caracteres mais salientes do povo khmer é construir sem cuidar de conservar. É a principal causa da ruína ou da perda de tudo quanto ele faz.

Já falámos do arroz, de aves domésticas, de porco, do peixe, que fornecem os principais alimentos do cambojano. Como bebida ele não conhece senão a água e o chá, sendo este dum uso muito menos geral do que na China e considerado mais como objecto de luxo.

O cambojano observa rigorosamente os seus costumes e instituições tradicionais.

M. Maurel demora apenas o seu exame nos usos relativos ao casamento. Quando o jovem cambojano é que faz a escolha da sua noiva e ela não é feita pelos pais, ele dirige-se a matronas especiais que se encarregam de sondar o coração da rapariga e de saber a opinião da família desta. Se o acolhem favoravelmente, ele dirige-se a casa da rapariga e, feitas duas saudações uma ao subir a escada e outra no vestíbulo, explica o motivo da sua visita. Uma vez acolhida a sua proposta, ele torna-se o criado, o escravo da casa; ajudará a família da noiva em todos os trabalhos e é assim que se formará juízo a seu respeito. Este estado de coisas dura algum tempo, mas o noivo julga-se largamente compensado em receber da mão da sua noiva o bétel e os cigarros que ela prepara e lhe entrega com a sua própria mão como é uso. É na perfeição e delicadeza com que o bétel vem cortado e os cigarros enrolados que a noiva traduz a delicadeza dos seus sentimentos.

Quase sempre tudo isto se termina por um casamento feliz. Se, porém, as relações se cortam, há uma prática que importa mencionar: se elas se cortam por parte do noivo, este retira-se tranquilo; se por parte da noiva, a família desta deve pagar ao noivo uma indemnização correspondente aos serviços que ele prestou.

M. Maurel termina a sua interessantíssima conferência predizendo um grande futuro ao Camboja, cujo clima é melhor que o da Cochinchina, cujas terras baixas se prestam admiravelmente à cultura do arroz e as outras à do café, onde se produzem o algodão e a seda, e onde a vinha recentemente importada dá três colheitas por ano! As pescarias do lago do Camboja são uma fonte inesgotável de riqueza, e o grande rio que o percorre, o Mecom, é o único caminho do Alto Laos e das ricas províncias do sul da China.

M. Maurel demonstra também que a França possui uma grande ciência de colonização, citando o Canadá, a Argélia, a Reunião, a Cochinchina, e a Nova Caledónia, e espera pois que o Camboja e o Tonquim forneçam disto novas provas.